Ano I — Faro, 29 de Janeiro de 1913 — Num.º 82

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS:—LYSTER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Avença

Administrador, — *J. P. Sousa* = Editor, — *L. Franco*
Publica-se ás quartas e sabados

Redação, administração, composição e impressão
Tipografia Democratica, Rua 1.º de Dezembro — FARO

ASSINATURAS: —Trimestre 500 réis = COMUNICADOS E ANUNCIOS —Cada linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

POLITICA NACIONAL

GOVERNO DE ODIO? NÃO! GOVERNO DE ADMINISTRAÇÃO

Apezar de ter corrido pouco tempo desde que o glorioso Partido Republicano Portuguez, personalizado em algumas das suas mais distintas individualidades tomou conta do poder, a grande influencia moral do governo é manisfesta em todo o paiz.

Respira-se o ambiente puro das situações definidas, pelas quaes os interesses publicos e a marcha regular da politica nacional anceiavam desde a proclamação da Republica.

Em todas as localidades do paiz, desde a mais populosa cidade á mais humilde freguezia, a chamada ao poder do Partido Republicano Democratico foi saudada como o despontar de uma ridentissima aurora de esperança.

E' que era tempo, na verdade, de se entrar na vigencia de uma politica definida e baseada nos mais salutares principios da democracia.

Os ministerios que sucederam ao Governo Provisorio, foram, a bem dizer, simples ministerios de expediente, e se, em uma ou outra pasta, qualquer titular evidenciou o seu patriotismo promulgando sabias medidas atinentes a manter e a consolidar o prestigio do novo regimen, esse esforço, essa diligencia, perdeu-se, apagada ao sabor dos interesses ou das vaidades pessoaes de cada chefe.

As inequivocas manifestações de simpatia de que tem sido alvo o eminente estadista dr. Afonso Costa, provam á evidencia quanto é grande o conceito em que é tido pela opinião publica que sabe apreciar devidamente o seu entranhado amôr á Patria e á Republica e que espera do ilustre politico uma administração fecunda em iniciativas rasgadamente liberaes.

Espera e confia, apezar das arremetidas tão bruscas como injustificadas da oposição constituida pelos ambiciosos sedentos de poder e de vingança, que se agruparam em torno do sr. Antonio José de Almeida, de quem exploram a boa fé e a ingenuidade politica!

Esses ambiciosos não querem, é certo, atender a quaesquer outras razões que não sejam as que lhes dita o seu odio facioso e setarista, porque para a bilis do seu despeito não ha patriotismo nem altruismo que valham.

Apezar, porem, de toda essa mesquinha campanha de odios, que não contente em abocanhar o ilustre chefe do governo, desce até alvejar os mais obscuros dos seus admiradores e correligionarios, o governo segue, confiante e tranquilo, a linha reta da sua conduta, orientando-o o mais acendrado patriotismo e deligenciando fazer uma politica de administração que salvaguarde eficazmente os sacratissimos interesses da Patria e da Republica.

A' ação potriotica do governo corresponde o evolucionismo com atoardas e dislates.

E' que os evolucionistas não são gentes que se deem por vencidas no «ring» da casmurrice, nem mesmo quando os musculos da logica os obriga como vencidos a assentar no solo as duas espaduas.

Fazendo juizos prematuros, aventando hipoteses as mais fantasticas e inadmissiveis, esses tresloucados apenas teem um fito: desacreditar o governo, amesquinhar a sua ação patriotica e lançar a desconfiança em volta do Partido Republicano Portuguez!

Chamando arruaceiros aos democraticos, perseguindo-os com insidiosas injurias, em que a fantasia supre o bom senso e a mentira substitue a realidade, cuidam talvez os evolucionistas levar agua ao seu moinho...

Baldado empenho e condenaveis processos.

Qual a razão de ser da força de odio que os impele?

O despeito, a raiva de terem de reconhecer a sua propria insuficiencias e de haver sido chamado a formar gabinete o sr. dr. Afonso Costa, a figura mais notavel da politica portugueza na atualidade, o chefe querido e prestigioso do unico partido que ao paiz oferece garantias do seu resurgimento e á Republica assegura a manutenção do seu prestigio.

Mas quem tem culpa de que os maus fados persigam o evolucionismo e o seu ilustre chefe?

Quem tem culpa de que o programa evolucionista desagrade profundamente aos verdadeiros republicanos e vá conquistando dia a dia, cada vez mais simpatias entre os reacionarios, que na vigencia do regimen deposto militavam sob as bandeiras do nacionalismo e do franquismo?

Quem tem culpa de que a versatilidade do sr. Antonio José de Almeida tenha contribuido para envolver o seu vulto outrora prestigioso, numa atmosfera de descredito que jamais o abandonará?

Quem é culpado de que o evolucionismo ignore ou finja ignorar que hoje, qualquer governo que não possua ideas liberaes, harmonicas com o espirito da epoca, não poderá vingar no nosso paiz, a não ser que tenha empenho em irritar todas as classes sociaes?

E ser democratico não é, como os evolucionistas pretendem insinuar: *contemporizar com a desordem e governar com a incompetencia.*

Não!

Ser democratico é atender as justas reclamações do Povo, orientando sempre os negocios do Estado de forma a garantir-lhe prosperidades e bem estar.

Ser democratico é governar dentro das leis da Republica, e com justiça, não pretendendo fazer recuar á força o que avança impulsionado pelas leis imutaveis da evolução, e da revolução.

Por isso, visto ser manifestamente ledo e cego o engano dos evolucionistas e tão injustificaveis como dignos de censura os seus processos de ataque, o governo da presidencia do eminente estadista dr. Afonso Costa vae realisando sem desfalecimentos nem vaidades a sua grande missão patriotica.

Lançado o pregão da incompetencia e proclamada estulticiamente a insuficiencia do programa politico e administrativo do governo, estratagemas de que não surtiu resultado algum, os evolucionistas, simulando um terror que estão bem longe de sentir, espalham aos quatro ventos da Fama que a *Rua vae exigir perseguições*, demissão de funcionarios e sindicancias a todas as repartições!!!

Que maus processos estes de fazer politica!

Os evolucionistas bem sabem que o programa do novo governo agradou extraordinariamente ao paiz; reconhecem a enorme força moral, inteletual e parlamentar do governo; presentem que no gabinete estão cidadãos capazes de produzir uma salutar e brilhante ação administrativa, e dahi resulta toda a caudal das suas furias, das suas malidicencias, das suas falsidades e manigancias para espalhar o descredito contra o Partido Republicano Portuguez, que renegaram e de que atualmente são os mais ferozes e encarniçados inimigos...

Cancioneiro do Povo

Ha quatro dias com hoje
Que ando para te falar,
A vergonha me desvia,
O amôr me faz chegar.

A primavera da vida
E' um jardim de flores
Em que as rosas são sorrisos
E os canteiros são amores.

Hei de amar o dia claro
E deixar a noite escura;
Hei de amar quem eu quizer
Inda não fiz escritura.

NOTAS E COMENTARIOS

Transcrições

Os nossos presados colegas *A Folha de Beja* e *O Reporter* de Ponta Delgada, transcreveram do *Heraldo*, respetivamente, nos seus ultimos numeros, os contos intitulados *Stela* e *Uma experiencia*, de Lyster Franco.

Agradecemos a gentileza.

Cordões de latão

Num semanario monarquico do Rio de Janeiro, intitulado *O Realista*, conta um «soldado de D. Manuel» que tomou parte na incursão de julho, que em Chaves combateram 700 carbonarios e mais as forças militares, contra 450 monarquicos.

Pela grandeza descomunal deste palão, bem se pode avaliar do mais que o homem terá dito.

E, provavelmente, este não é dos mais mentirosos...

As incursões

Segundo os melhores calculos, as despezas militares extraordinarias determinadas pelas incursões realistas de outubro de 1911 e de julho do ano findo atingem a soma de 1.195 contos de reis.

Forçaram o paiz a estas despezas os *patriotas* que andam lá por fora a desacreditar a Republica e estão suspirando pelo regresso á vigencia do regimen dos adeantamentos, dos latrocinios e das burlas.

Valha-os Santo Antonio!

Um prodigio

Um jornal americano conta, sob o titulo de fenómeno curioso, que ha dois anos nasceu na Filadelfia uma creança do sexo masculino, a quem os pais de apelido Dynan deram o nome de John.

Quando o bébé começou a abrir bem os olhos, toda a gente viu com espanto que tinha as pupilas estriadas. Passaram-se anos e as riscas dos olhos do petiz foram-se transformando e agora os medicos notaram, cheios de admiracão, que ele tem no olho direito um J de cinco milimetros e no esquerdo um D—as iniciaes do nome do garoto—John Dynan.

Esta, se não fosse genuinamente americana, fazia-nos lembrar os discursos politicos do chefe do evolucionismo...

Pessima herança

A joven Republica herdou da monarquia 880.000 contos de divida publica, 7.000 padres, 2 duques; 26 marquezes, 157 condes, 249 viscondes, 94 barões, 2.062 conselheiros e 6.000 comendadores, além de combinações secretas com altas personagens estrangeiras, para envio de forças desses paizes, contra portuguezes, para a manutenção do trono em Portugal.

Boa herança, não é verdade?

Pois apezar disto não falta quem deseje aumenta-la com o *juro* dos seus desatinos politicos...

Os banhos quentes no Japão

Conforme diz Edmundo de Goncourt, a agua é a paixão dos japonezes.

Efetivamente, não ha ali mendigo nem rico que não tome o seu banho quente diario, que para o japonez é não só asseio, mas um sedativo, um tonico contra a fadiga.

E' tambem um poderoso remedio. Toma-se ali na temperatura de 50 graus, que para um europeu seria um verdadeiro suplicio, congestionando-lhe a pele e provocando-lhe até um eritema.

Ao japonez couraça-o contra o frio.

Diz-se que é por isso que ha pouco reumatismo no Japão, onde as mudanças de temperatura são muito bruscas.

O japonez toma o banho numa tina de pau, que as ha em todas as casas. Nas mais pobres e pequenas está á porta da rua.

A japoneza despe-se em publico e banha-se com os homens, sem que ninguem repare nisso.

Em muitos estabelecimentos publicos de banhos, os dois sexos chapinam juntos.

Nesses estabelecimentos ha massagistas e auricurias, verdadeiros artistas.

Alguns massagistas são cegos, realisando o seu serviço com extrema delicadeza.

Percorrem as ruas tocando uma especie de flauta ou gaita de pastor, para chamarem a clientela.

A massagem é cousa usual no Extremo Oriente, servindo para diminuir a fadiga, para curar uma enxaqueca ou uma constipação.

A arte e as vitorias dos japonezes espantaram a Europa, que ainda tem de aprender muito a repeito d'aquele povo tão singular.

Quem sabe se um banho quente, á moda do Japão, faria bem a certos politicos encravados do novo regimen?

Palavrinhas de oiro

Estas são da *Republica*, e parecem recortadas de um trecho da autobiografia de Santo Antonio José de Almeida ou de uma pagina da historia fulgurante do seu partido:

«Caminhamos a passos de gigante para *a antiga*, na pressa incompreensivel de não chegarmos a tempo. Ou antes e melhor: somos o mesmo que eramos, com a agravante de termos gasto uma esperança, perdido uma ilusão, quasi inutilisada uma fonte de energia.»

Parecidissimo o retrato, não acham?

TRIBUNA LIVRE

AOS TRABALHADORES DOS CAMPOS!

Companheiros, ha anos e anos, ha séculos e séculos, que sobre a terra nos curvamos de sol a sol, sem refletir na nossa sorte, sem olhar em roda, convencidos aliás de não haver outro remédio senão matarmo nos a trabalhar para comer um bocado de pão!

Se em vez de penarmos assim, tivéssemos de vez em quando erguido a cabeça, se tivessemos procurado saber quem tirava proveito do nosso trabalho e se era justo cansarmo-nos tanto para outros, ha muito tempo que teriamos achado remédio para a nossa desgraçada situação.

Mas nunca é tarde para fazer bem: encaremos, pois, todos a questão e resolvamo-la com desasombro.

Quem produz o trigo, isto é, o pão para todos? O camponêz!

Quem faz nascer a aveia, a cevada, todos os cereaes? O camponêz!

Quem cria o gado para forneccer a carne? O camponêz!

Quem cria o carneiro para dar lã? O camponêz!

Quem fabrica o vinho, a cidra, etc.? O camponêz!

Quem engorda a caça? O camponêz!

Em suma, ao camponêz deve a sociedade a alimentação, as bebidas, o vestuario. Vós produzis tudo... Que produz o vosso rendeiro geral ou o vosso proprietario? Nada...

E quem no entanto come o melhor pão, a melhor carne? Quem veste as mais belas roupas? Quem bebe os melhores vinhos? Quem consome a caça? O burguêz!

Quem se diverte e descansa á vontade? Quem gosa todos os prazeres?

Quem faz viagens de recreio? Quem fica á sombra no verão, ao lado dum bom fogo no inverno? O burguêz

Quem se alimenta mal? Quem bebe vinho raras vezes? Quem trabalha sem cessar? Quem se cresta de verão e gela de inverno? Quem sofre muitas misérias e fadigas? O camponêz!

Muito mais: os trabalhadores dos campos são muitas vezes escarnecidos, insultados, ridicularizados pelo mesmos que vivem na ociosidade e folgam á nossa custa. Os burguêzes julgam os camponêzes pelas aparencias *exteriores* e zombam deles porque teem mãos grossas e deformadas pelo trabalho, gretadas pelo inverno, porque teem muitas vezes as costas arqueadas e olham constantemente para o chão, e sobretudo porque, não tendo os hábitos da sociedade, são tímidos e se exprimem mal!

Companheiros, somos pequenos por que nos curvamos deante do rico: endireitemo-nos duma vez para sempre e veremos que somos maiores do que ele!

Tenhamos conciencia da nossa força e da nossa utilidade! Os nossos companheiros das minas, das fabricas e oficinas mostraram-nos o caminho: só esperam a nossa organisação, que será uma força imensa. Para a frente; não os façamos esperar mais!

Eles tambem sofrem, eles tambem teem miserias, eles tambem se consideram vitimas dos capitalistas exploradores. Não vem talvez longe o dia em que nos poderemos unir todos para conquistar o nosso quinhão de bem-estar, de felicidade.

Companheiros dos campos, reflitamos bem nisto: Se amanhã desaparecessem todos os cultivadores, que aconteceria fatalmente? Uma fome geral, uma miseria atroz, a morte provavel, dentro de poucos anos, duma boa parte dos restantes seres.

E se amanhã desaparecessem todos os senhores... podemos bem calcular que nada caminharia peor por isso, e que pelo contrario a humanidade daria um imenso suspiro de alivio. E nós, cultivadores, já não teriamos que manter ociosos levando uma vida folgada, não teriamos mais opressores para nos manterem sob um jugo de ferro, mais tiranos grosseiros insultando-nos sem motivo. Consequencia: muita mais liberdade, mais bem-estar, muito menos trabalho.

Não desejamos a morte de ninguem, mas o que desejamos ardentemente é ver chegar o dia em que todos tenham que trabalhar para viver, em que deixe de

haver exploradores e explorados, em que cesse o luxo de poucos, construido sobre a miseria de todos.

Ha de vir certamente: será o coroamente da nossa obra.

A caminho para o grande fim, camaradas, e não nos deixemos abater pelas dificuldades que vierem estorvar-nos a marcha!

Viva a emancipação dos trabalhadores! (*O sindicato agricola de Bourbon-l'Archambault, França).*

MAIS NOTAS E COMENTARIOS

Evolucionismo jesuitico

Do nosso presado colega *O Porvir* de Beja:

«O jornal do sr. dr. Antonio José de Almeida noticiou ha dias que foi reeleito secretario do Centro Evolucionista de Lisboa o sr. Manoel Guerreiro Palma Branco, filho do sr. Manoel Guerreiro Costa Branco, desta cidade, e, como seu pae, partidario e amigo intimo do ex-bispo Sebastião Vasconcelos, cujas virtudes são bem conhecidas.

E' lamentavel que o sr. dr. Antonio José de Almeida se veja forçado a recrutar os dirigentes do seu partido entre os mais ferrenhos inimigos da Republica, mas o seu *evolucionismo* de caranguejo não podia deparar-lhe outros correligionarios.

Para se avaliar bem da inteligencia e afinidades politicas do secretario do Centro Evolucionista de Lisboa, vamos reproduzir a seguinte carta que ele dirigiu ao ex-bispo de Beja, em 31 de janeiro 1910 e cuja autenticidade garantimos.

Vai sem alteração de uma virgula, para lhe não tirarmos o *merecimento*:

«Meu Venerando Prelado.

Como não tenciono estar em Beja no proximo dia 2 de Fevereiro, venho por este meio aprezentar a V. Ex.ª R.ma as minhas *cinceras flecitações* pelo 2.º aniversario da sua sagração.

Creia V. Ex.ª Rev.ma que faço ardentes votos *ao Alticimo* para que *concerve* a preciosa vida de V. Ex.ª Rv.ma para bem da sua grei e consolação dos amigos. (sic).

Esse dia para mim è dia grande (mesmo longe), e por isso venho pedir o seguinte:

Desejo n'esse dia *houvir* missa por essa intenção mas o R.mo Prior meu amigo Padre Nunes, não a pode dizer (por ser dia santo) sem *auturisação* de V. Ex.ª R.ma.

E' o que venho *sulicitar* tendo a certeza de que se poder ser serei atendido.

Beija o anel de V. Ex.ª R.ma o seu amigo muito devotado e Cd.º.

Manuel Guerreiro Palma Branco,

Apariça, 31-1-1910.»

Digam lá que o sr. dr. Antonio José de Almeida não está rodeado de bons republicanos! ..»

Não fazemos comentarios...

Brindes

Do nosso amigo sr. Albino Fernandes Pinto, zeloso e digno agente da importante casa *Singer*, estabelecido na Rua D. Francisco Gomes, desta cidade, recebemos um elegante calendario, cuja oferta muito nos penhora.

Costumes regionalistas

Em certas provincias de Hespanha, é costume dar pezames em comissão. Quando alguem do *pueblo* está anojado, os amigos e conhecidos reunem-se na rua e vão em grupo dar-lhe os pezames. O mais velho ou o mais graduado, ou o mais bem falante, faz um discurso ao dorido, e os outros, um a um apertam-lhe a mão, fazendo suas as palavras do *orador*...

Ora, ha tempos, em Orense, houve uma dessas cerimonias lutuosas. O anojado era um homem de certa importancia local. já edoso, mas janota; usava um bem feito chinó, cuidodosamente alisado para a testa, fingindo farta cabeleira. Os amigos entraram. O *orador* aproxima-se do enlutado, impinge-lhe gravemente o seu discurso de condolencia e, depois, apertando-lhe a mão, diz-lhe em voz baixa, ao ouvido:

—Olhe que tem o chinó á banda.

O anojado agradece comovido e endireita o chinó.

Ao *orador* segue-se todo o grupo, e cada um, apertando a mão do lutuoso, murmura comovidissimo:

—Digo-lhe o mesmo...
—Digo-lhe o mesmo...
—Digo-lhe o mesmo...

Lagrimas de... contrabando

Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.

As mulheres persas, quando perdem os maridos, compram dois frascos lacrimatorios, onde recolhem piedosamente as suas lagrimas, que oferecem em sacrificio ao defunto.

São precisos quatro mezes a uma saudade vulgar para encher os dois frascos. Mas as persas recorrem a artificios e utilisam a cebola, o fumo da palha e a pimenta, para abreviar os prazos que lhes permitirão contrair novo matrimonio.

E' o que nós chamamos lagrimas de crocodilo.

Santo Antonio José de Almeida, armando em martir politico, tambem chora de quando em quando, mas não consegue impressionar pessoa alguma, porque já toda a gente lhe conhece as manhas e sabe perfeitamente que Santo Antonio José de Almeida chora ou ri com a mesma facilidade...

A taboleta do sombreireiro

Quando no congresso dos Estados-Unidos da America do Norte se discutia a declaração da independencia redigida por Jefferson, viu-se este, por diversas vezes, fatigado, desgostoso, e até desacoroçoado pelas continuas emendas, supressões, e observações criticas a cada passo apresentadas pelos membros do congresso. Franklin contou-lhe então, com a sua picante originalidade, e bom senso jovial, que adubavam todas as suas palavras, o *apologo* seguinte:

«Quando eu era rapaz, aconteceu que um amigo meu, querendo estabelecer uma loja de sombreireiro, consultou varias pessoas do seu conhecimento sobre o *importante* capitulo da taboleta. A que ele tinha tenção de adotar era—alguns chapeos pintados, com este letreiro: *John Thomson, sombreireiro, faz e vende chapeos a dinheiro á vista.*

O primeiro amigo, cujo conselho pediu, observou-lhe que a palavra *sombreireiro* era desnecessaria, a devia suprimir-se. Ele conveiu facilmente nisto, e a palavra foi cortada. O segundo notou-lhe que era inutil declarar qve só vendia *com dinheiro á vista*, por que os estranhos não lhe iriam pedir fiado um artigo que não era de primeira necessidade; e que algum amigo haveria que lh'o pedisse a credito, a quem ele julgasse conveniente não o recusar.

Em consequencia desta observação, foram suprimidas estas palavras, e o letreiro ficou reduzido a—*John Tomson faz e vende chapeos.*

—Para que serve a palavra *faz*? lhe observou um terceiro amigo. Porventura quem vae a uma loja comprar um chapeo, se importa de quem o fez? E a palavra *faz* foi suprimida.

Um quarto conselheiro vendo as palavras que restavam, exclamou:

—Com a fortuna! para que é dizer *vende;* pois imaginaria alguem que pretendeis dar os vossos chapeos de graça?—Mas, observou outro, *John Tomson chapeos*—não faz sentindo, e é preciso riscar a palavra *chapeos*. Assim se fez, e afinal não veiu a ficar na taboleta senão o nome do dono e a pintura dos chapeos!»

Coisa parecida ao que está acontecendo ao programa do celebre e nunca assás decantado partido evolucionista que, á força de repelir as medidas retintamente democraticas, já deixou ha muito de ser republicano e passou a ser unicamente partido evolucionista.

A gare ás escuras

Continua abandonada a ridiculos descuidos a nossa *gare* da estacão dos caminhos de ferro! Faro é uma cidade que ha muito tempo gosa de iluminação iletrica, e portanto parece realmente incrivel que ainda ali governe o atrazado petroleo.

Verdades

Segundo a imaculada opinião de Santo Antonio José de Almeida, tudo isto está na mesma, apezar de ter sido proclamada a Republica.

Porque assim é, e o fato lhe enche de tristuras o sensivel coração, opina o santissimo varão, nas colunas do seu órgam, que:

«A transformação subita do regimen produziu nos homens um subito retraimento, das suas qualidades possiveis durante o regimen que morria.»

Exatissimo.

Em alguns d'eles foi tão grande esse tal retraimento que até nem parecem republicanos.

El terruño

Com este titulo, veiu traduzido e publicado no semanario *Juventud*, de Aiamonte, o artigo literario *A minha terra*, que o *Heraldo* ha dias publicou, devido á pena do sr. dr. João Pedro de Sousa.

Foi seu tradutor o distinto literato sr. Vitaliano Gomez, diretor literario da *Juventud*.

Agradecemos a gentileza.

Registando

Entre outras vociferações, Santo Antonio José de Almeida, no seu patusquissimo artigo intitulado *Eu e o presidente do ministerio*, mimoseou o sr. dr. Afonso Costa, o estadista insigne que todo o paiz ama e respeita como a mais lidima gloria da Republica, com as seguintes amabilidades:

«Vagabundo da ciencia, vivendo de expedientes mentaes, — estadista esteril de recursos, copiador servil do evolucionismo, de quem tomou os planos e ideias, Netuno das aguas democraticas, etc., etc.»

Quando o chefe produz taes dislates ainda ha quem se admire que os *magalas* lá da tropa só saibam caluniar e ofender. Pois ninguem deve admirar-se, porque ao menos desta vez são coerentes com a sua propria incoerencia.

Comerciantes de Faro

São frequentes e muitissimo justas as censuras que se teem feito aos que superintendem em certos serviços dos caminhos de ferro.

Alguns negociantes se queixam de que as suas mercadorias, vindas de Lisboa ou de qualquer outra parte, sofrem ás vezes serios prejuizos na estação, em virtude de nem todas se poderem arrumar nos armazens do caes e portanto ser preciso que *todos os dias* quaesquer remessas fiquem ao relento, ao sol ou á chuva.

O caso é edificante é deveras lastimavel. Se não ha armazens que possam abrigar todas as mercadorias, mande o Estado construir os que forem necessarios ou então, aplique-se a tal fim uma esplendida casa que ali existe, cujo chão tem uma superficie de mais de 300 metros quadrados, e que, tendo sido construida, ha mais de 20 anos, para recolhimento de carruagens, nunca para tal serviu.

Essa casa, que é um belo edificio de que poderiam fazer um armazem de primeirissima ordem, está fechada desde que se construiu, e entretanto as mercadorias dos comerciantes de Faro continuam abandonadas ao mais absurdo e condenavel despreso.

Vergonha das vergonhas!

Centro Republicano Democratico

Consoante fôra anunciado, reuniu no dia 27 a Assembléa Geral do Centro Republicano Democratico de Faro.

Presidiu o sr. dr. José Vicente Madeira, secretariado pelos srs. Ernesto Mata Branco e Cristovam de Sousa Junior.

A absoluta falta de espaço obriga-nos a adiar para o proximo numero a descrição pormenorisada dessa memoravel sessão.

A avosinha

A *Nação*, que conforme pode e sabe lá vae levando agua ao seu moinho, saia-se outro dia com esta tirada melodramatica:

«O descalabro da democracia foi mais rapido do que julgavamos. Teve vida efemera, começando no almeidismo e seguindo agora no afonsismo. Quebradas as duas ancoras, onde iremos parar? Ao cataclismo que a imprevidencia republicana nos preparou, numa ancia de vitoria, que lhes vae saindo cara, e que a nós todos, os que trabalhamos, os que mourejamos na luta pela vida, tambem não pode sair barata.

Eis ao que chegamos, vae para tres anos de Republica!...»

Pois não se rale, nem amofine a avosinha, que entre mortos e feridos alguem hade escapar.

Governador civil

Consta-nos que o sr. dr. Adelino Furtado, novo governador civil deste distrito, parte de Lisboa no dia 5, tomando posse do seu cargo no dia 6 de fevereiro.

O seu a seu dono

O «Seculo», o «Diario de Noticias» e outros jornaes de Lisboa, quando o nosso diretor dr. João Pedro de Sousa e seu irmão dr. Candido de Sousa ha dias estiveram em Lisboa, anunciaram que um grupo de influentes politicos do Algarve, *apresentados pelo sr. dr. José Vicente Madeira*, tinha conferenciado com o sr. Ministro do Interior, solicitando de sua ex.ª a nomeação do sr. dr. João Pedro de Sousa para governador civil do distrito de Faro.

Não sabemos quem provocou esta noticia; o que, porém, sabemos é que ela tem servido de prato a certas explorações politicas.

Ora, justamente porque não devemos consentir que os adversarios politicos, na sua imprensa ou nos seus soalheiros, façam do caso ignobeis explorações, cumpre-nos retificar a noticia que de boa ou de má fé saiu publicada nos referidos jornaes.

O sr. dr. Vicente Madeira, nosso ilustre amigo e correligionario, não apresentou nenhuns influentes politicos do Algarve ao sr. Ministro do Interior ou a qualquer outro ministro. Com o sr. Ministro do Interior conferenciaram os srs. drs. João Pedro de Sousa e Candido de Sousa, o sr. dr. José Francisco Teixeira de Azevedo, o sr. dr. Mariano Ascenção e o sr. José da Costa Ascenção; e com o sr. dr. Afonso Costa, Presidente de conselho e Ministro das Finanças, conferenciaram os srs. drs. João Pedro de Sousa, Candido de Sousa e Mariano Ascenção, e os srs. José da Costa Ascenção, Manuel Centeno de Passos e João Viegas Calçada.

A nenhuma destas conferencias assistiu o sr. dr. José Vicente Madeira.

Dias depois da entrevista com o sr. Ministro do Interior, com quem, os srs. drs. João Pedro de Sousa e Candido de Sousa teem relações pessoaes, é que o sr. dr. José Vicente Madeira acompanhou estes srs. e mais outros ao gabinete do sr. Artur Costa, irmão do sr. dr. Afonso Costa, onde foram informar-se do que haveria sobre a nomeação dos diferentes governadores civis.

Esta é que é a pura expressão da verdade, e vem a lume tão sómente para evitar que a malicia dos adversarios continue com ridiculas insinuações, explorando os ingenuos.

JOÃO PEDRO DE SOUSA
ADVOGADO
ESCRITORIOS { Rua de Santo Antonio, 6 / Largo 1.º de Dezembro, 27
Morada—R. do Pé da Cruz, 16
FARO

CONTOS E NOVELAS

A INCONSOLAVEL

(De Michel Provins)

ARLETE DE GREUZE.—Vinte e oito anos, loira e palida, olhos banhados de luz; delicioso, fragil e modernissimo artigo de Paris.

DANIEL PRÁLIN.—O belo Daniel! — Trinta e dois anos, forte, saude de anglo saxonio, distinção de raça e de espirito.

No salão pequenino, onde os *stores* semi-descidos deixam a custo penetrar a luz cinzenta de novembro, Madame de Greuze, em frente de um grande espelho antigo, verifica, pela ultima vez, a impecabilidade da sua toilete: vestido *tailleur aux nuance héliotrope*, traindo um discreto luto aliviado.

Sobre uma banquinha, junto do espelho, um lindo chapeo modelo—"*capote petit chagrin*" para visitas ao cemiterio—espera ser colocado nas ondas cendradas da graciosa cabeça.

Já pronta, faltando-lhe apenas pôr o chapeo, Arlette senta-se num divan.

Ligeiramente friorenta, um pouco constipada, num estado de alma um tanto amargurado, tira dos papeis espalhados a seu lado uma carta tarjada de negro, cuja leitura parece impressioná-la.

Um creado, *anunciando*:—O sr. Pralin!

Correto, o busto moldado num *paletot* sombrio, Daniel Pralin inclina-se deante de Madame de Greuze e poisa ligeiramente os labios na pequenina mão que ela lhe estende.

Pralin—Está triste?

Arlette, o *olhar humido*— Infinitamente.

Pralin, *compadecido*— As recordações do passado?

Arlette — Sim, a recordação tornada ainda mais pungente por este dia de finados! .. Dia tristissimo para aqueles que perderam um ente querido... mas especialmente para mim, visto que faz hoje um ano que... (apertando a mão de Daniel) Quanto lhe agradeço ter vindo!

Pralin—Assim o tinha prometido.

Arlette—E' que não será muito agradavel para si a visita que vou impor-lhe, obrigando-o a acompanhar-me ao cemiterio, ao tumulo do meu pobre Edmundo...

Pralin—Não vou lá por causa do seu defunto esposo, que lamento não ter conhecido, mas por si.

Arlette—Obrigada! Necessito tanto hoje de sentir junto de mim uma afeição dedicada! (outro tom) Trouxe a corôa?

Pralin—Deixei-a na carruagem: rosas chá e violetas, como recomendou.

Arlette—Quanto lhe agradeço o seu cuidado!

Pralin—O prazer é todo meu!...

Arlette, *fazendo-o sentar* — Conversemos alguns minutos. Sinto-me tão perturbado, só com o pensamento de ir ao cemiterio esta tarde!. . Parece-me que vou sentir a mesma comoção do ano passado.

Pralin, *olhando as cartas espalhadas sobre a mesa*—Leu, naturalmente, qualquer coisa que lhe avivasse as recordações.

Arlette—E' verdade. Esta carta que escrevi em 3 de novembro a minha irmã.

Pralin—Se não sou indiscreto ..

Arlette—De modo nenhum. Leia, leia, trata-se tambem de si.

Pralin, *lendo*—«...E' realmente forçoso que haja um Deus para nos impôr a existencia, porque não compreendo como consegui hontem sobreviver ao pezar que tanto me alanceou. Desde a morte do meu adorado Edmundo, depois de uma horrorosa semana, passada no paroxismo do sofrimento, era a primeira vez que o doutor, esperando sem duvida uma reação salutar, me permitia levar algumas flores ao cemiterio.

Neste dia de finados o campo dos mortos estava cheio de milhares de visitantes. Começava a entardecer e uma multidão de luzinhas acendia-se nas capelas, ao redor dos monumentos, cintilando entre as flores frescas. Corajosa a principio, atravessei a multidão, mas chegando perto do tumulo do meu pobre marido, toda a energia me abandonou. Tive uma horrorosa crise de desespero!

As lagrimas corriam-me tão apressadas e ardentes, que eu tinha a sensação de uma ferida por onde o sangue e a vida se me escapavam!...

Depois, subitamente, sufocada por suspiros, caí sobre a pedra onde me parecia que o meu coração, para sempre inconsolavel, devia esmagar-se.

Quanto tempo fiquei assim?

Não sei ao certo. Quando abri os olhos era noite, estava transida de frio e perto de mim, ajudando-me a erguer, encontrava-se um cavalheiro, que parecia muito comovido e que respeitosamente se ofereceu para acompanhar-me até á carruagem ou até á minha casa. Estava tão profundamente perturbada, tinha tanto receio que as forças de novo me faltassem antes de entrar em casa, que aceitei um auxilio oferecido nas formulas do mais discreto interesse e da mais irrepreensivel correção!»

Arlette, interrompendo-o— Sem esse cavalheiro, que era o sr., estaria talvez morta!... Salvou-me duplamente, primeiro nesse dia triste, depois vindo visitar-me nos dias seguintes, minorando com uma tão afetuosa dedicação a minha dôr e ajudando-me a resignar!... (limpando os olhos) Foi assim, pouco a pouco, que me habituei de novo á vida!

Pralin—Quer provar-me o seu reconhecimento?

Artelle, sorrindo—Por certo.

Pralin—Então não esteja triste.

Arlette—E' o aniversario, a carta, as recordações, tudo!... Tem razão. (em lagrimas) Infelizmente de nada serve estar triste!.. Partamos! Vamos já.

Pralin—Como queira. (Contemplando Arlette que se levantou para pôr o chapeu) E' muito lindo o seu vestido! Fica-lhe admiravelmente!

Arlette, sem ter posto ainda o chapeu—Fala serio? Gosto tanto de vestidos de côr... oh! de côr severa:... Mas enfim, como ha só um ano e oito dias... Escolhi esta côr. Heliotropio sombrio tirando para violeta de bispo... uma côr de egreja!... E' ainda muito luto!

Pralin—Além de que o luto nem sempre condiz com a côr do fato. Olhe a excelente Madame Vésubie, viuva do marido mais enganado da França e da Navrara e que ha tres anos não larga o luto carregado...

Arlette—E' porque lhe fica muito bem.

Pralin—Então é para melhor minotaurisar a memoria do marido! Uma infidelidade funeraria!

Arlette, sorridente—Muito gosta o senhor de gracejar! Aposto que falou de Madame de Vésubie porque está sempre a lembrar-se da sua amiga Mercedes, a pequenina e extraordinaria Mercedes, que o sr. amou, que ainda ama talvez...

Pralin—Eu?

—Arlette, *ironica*—Sempre foi uma mulher que tentou envenenar-se por sua causa!

Pralin—Mas nunca se chegou a provar, nunca se soube ao certo, se tinha tomado laudano ou érmético.

Arlette, *a rir*—Tem muita graça!

Pralin—Sim... ria. E' mais logico o riso que o ciume, quando sabe que sou inteiramente seu.

Arlette, *com ternura*—Serio?

Pralin—Nem sequer m'o devia perguntar depois de tudo o que recordou ha instantes. Vejo que gosta de certificar-se dia a dia da sua conquista.

Arlette—E' que, sentindo-me feliz, duvido por vezes da realidade. E' tão belo e tão bom o sentimento que me dedica... um terno sentimento de amizade...

Pralin—De amôr...

Arlette—Sim, mas um amôr que ficou sempre tão respeitoso como a amisade...

Ha tanto encanto neste sonho, que tenho medo de uma desilusão. E agora, menos do que nunca eu poderia passar sem a sua terna amisade.

Pralin, aproximando-se dela com voz quente—Nunca ha de faltar-lhe, creia.

Arlette (*Olha-o. Impressionada, mau grado seu e um pouco enlanguescida, vae encostar-se á chaminé*) *Depois de um silencio:*—Quantas horas são?

Pralin—Quatro.

Arlette—Se tomassemos o chá juntos, antes de ir ao cemiterio, aqueceriamos!... Como este ruim vento que oiço assobiar me faz mal aos nervos!... Está muito frio na rua, não é verdade?

Pralin—Muito!

Bem depressa o chá a ferver fumega deante deles no *samodovar* de prata, cercado sobre a bandeja de minusculos pratos de Sévres, repletos de doces finos, transparentes e fantasticos.

Servidas as chavenas, ambos ficam silenciosos contemplando o vapor ligeiro que sóbe na penumbra.

Pralin, *depois de longo tempo*—Em que pensa?

Arlette, *devaneadora*—Oh... Em tanta coisa!.

Pralin—E' deliciosissima esta intimidade, aqui, perto do fogo, neste findar de um dia tão triste!...

Arlette—Sim! Paira uma volupia lutuosa aqui, perto do fogo, neste conforto de bem estar...Eu pensava nos grandes ciprestes negros do cemiterio, que devem agora curvar-se com ventania...

Pralin, (sentando-se junto dela no canapé)—Como está hoje impressionavel!... A menor sensação, uma insignificancia a perturba!

Arlette—Estou tão nervosa!

Pralin *aproximando-se-lhe* — Vibrante como uma corda de harpa.

Arlette—Prestes a quebrar-se!

Pralin—(Falando-lhe junto da pequenina orelha rosada) Porque não lhe faremos cantar a harmonia que reclama?

Arlette, (surpreendida)—A harmonia?

Pralin (cingindo-lhe a cintura)—Sim! A harmonia do amor...O canto vitorioso da natureza!...

Arlette (resistindo-lhe um pouco)—Meu amigo!...

Pralin (estreitando-a mais)—O abandono de todo o ser na palavra que aflóra

nos labios...a transformar-se em beijos.

Arlette—Daniel! Daniel!

Pralin—Não me tem amôr?

Arlette—Amo-o, sim, mas faz mal em perguntar-mo especialmente hoje... sabendo que estou sem forças!...

Pralin (convicto)—E' o proprio Deus que consente á juventude os gosos do amôr apoz o negrume do pezar! E' ele que permite, segundo diz Musset, que o esquecimento venha ao coração como o sono aos olhos... Um beijo para afastar todas as tristezas...

Quer?.. (muito perto da boca de Arlette) Queres?

Arlette (já vencida)—Não! Não! Peço-lhe .. Não!

Pralin—(Impondo-lhe os labios). Sim, que importa o aniversario, de hoje, a hipocrisia dos deveres, as convenções... visto que, sem termos procurado, chegou a hora dos nossos dois espiritos (*muito baixo*) não serem mais do que um só.

Arlette, *depois de um amplexo louco... demorado, desprendendo-se com um sorriso*—Monstro! Que monstro!

Pralin—Monstro por traduzir o que ambos pensavamos ha tanto tempo! Sabe o que lhe proponho... o que te proponho? Irmos jantar num restaurant do *boulevard*, num gabinete discreto onde se possa tagarelar!

Arlette—Não! Sou eu que te convido. Visto que não achaste muito mau o meu chá, jantaremos aqui, nesta atmosfera tepida em que me sinto mais tua... Tenho tanto medo do frio lá de fóra!...Conversaremos aqui, mais á vontade, e á sobremesa, depois de um dedo de *champagne* hei-de pedir-te que me repitas o que disse Musset...

Pralin (saboreando ainda um beijo)—E's divina! Mas...e a carruagem?

Arlette, (pensativa)—E' verdade? E a corôa! Espera! (Faz soar um timbre; a um creado que se apresenta) José! Sinto me muito doente. Bastante nervosa. Desce; encontrarás na carruagem do sr. Daniel Pralin uma corôa de flores...uma corôa funebre... Vae ao cemiterio depo-la sobre o tumulo do meu chorado esposo...

Lyster Franco.

A QUESTÃO DAS AMEIJOAS

Carta aberta a S. Ex.ª o Sr. Ministro da Marinha

«*Excelencia*:— Esta questão tem adquirido foros de celebridade pela capital importancia que ela tem no nosso meio social.

Dretende um grupo de comerciantes e industriaes de Faro, ferrageiros, farinheiros, mercieiros e armadores de cercos, obter a concessão por arrendamento, de uns terrenos na ria de Faro, denominados *Paul, Barra do Bispo, Cabeça do Mexilhão, Mineral, Restinga do Canal de Olhão, Esteiro do Vintem*. etc. (que por outros não percam) que são os unicos ainda livres produtores d'aquele marisco, onde uma classe, não pequena de protetarios, vae colher quotidianamente, como unico recurso, os meios de subsistencia a que tem direito.

Outros terrenos, tambem produtores, foram em tempos distantes, ingenuamente cedidos, a titulo de «para viveiros ou depositos de ameijoas» com o fim de harmonisar com a reprodução, os interessos geraes do publico.

Este argumento foi mentido, porque se tem feito unicamente uma especulação acintosa e injustificavel, no comercio d'este artigo, agravando-se sem *dó nem piedade* a situação das classes pobres, porque sendo d'antes para estas, um alimento barato, pela vulgaridade, (porque toda a gente o colhia) hoje é o ultimo recurso.

E para v. ex.ª poder avaliar d'esta situação, dir-lhe-emos: d'antes eram vendidas a 30 e 40 réis o cento as ameijoas que depois das concessões passaram a custar 80 réis!

Ainda um outro fato concorreu para o agravamento d'esta situação,—não em preços,—mas em qualidade, e foi: a concessão, para agricultar, dos terenos—*salgados*, denominados *Ludo*, tambem n'esta ria, de cuja concessão só resultou o prejuizo para esta industria e nenhum beneficio para a agricultura.

E ainda assim, pela concorrencia que provém do comercio da colheita-livre com o dos concessionarios dos *depositos e viveiros* que conserva aquele preço.

Argumentam os pretendentes, mas esse argumento não colhe:

1.º Que requerem a concessão por arrendamento, porque outros já ha assim estabelecidos;

2.º Que pretendem estabelecer *depositos e viveiros* para reprodução;

3.º Que d'esta empresa resultará beneficio para o publico.

E a isto nós respondemos;

1.º E' certo que existem concessões n'este sentido, mas isso nada justifica, porque já sobre elas protestamos e continuamos a protestar, conquanto elas sejam em terrenos mais comodos para a condução é certo mas menos favoraveis á reprodução e, *quando essas concessões foram dadas, ainda não tinhamos como recurso os terrenos em questão.*

Depois d'estes é que já não temos outros!

2.º Pretender estabelecer *depositos e viveiros* de de reprodução é capcioso!... O que eles pretendem é monopolisar ardilosamente os terrenos de produção, sobre promessas tentadoras, para dominarem...

Os terrenos em questão, pela sua natureza geologica, teem condições para produção e reprodução, sem necessidade de pretendidos beneficios. E é por terem essas condições naturaes que esses especuladores pretendem a concessão, para dominarem o comercio e limitarem com ele as despezas, o numero de braços empregados na industria da *apanha*, arrastando á miseria uma classe de proletarios.

3.º A' iniciativa d'essa empresa presidiu a inveja, porque sendo enorme a exportação d'este marisco para Madrid e outros mercados de Hespanha, ficando muitas vezes o mercado local quasi que completamente desprevenido, sem que até agora este fato de bastante importancia, tenha merecido reparos das autoridades respetivas porque algumas que deviam intervir fazem parte do grupo (dos pretendidos concessionarios) esse grupo que com a avidez insaciavel de *polvos*, quer açambarcar todos os terrenos de produção, para chamar a si a exportação!...

Taes são as boas intenções que os anima!...

Excelencia!

A voz austera da justiça reclama que tal concessão não seja feita e que se termine de vez com a renovação d'esses arrendamentos que desde longo tempo veem constituindo um monopolio.

Tende em consideração, excelencia, a desgraçada situação a que nos arrastará um traço da vossa pena, que nos seja adverso.

Lei?!... Os da ciencia do direito são quasi que um artificio!... Ainda hoje a melhor... a mais sã... é a lei da conciencia!...

Confiamos que justiça nos seja feita.

Um grupo de mariscadores.»

—

Aos ex.mos srs. deputados da Nação!

«*Excelencias!* — O grupo que pretende a concessão dos terrenos da ameijoa da ria de Faro, tendo encontrado resistencia ás suas pretenções, pelo protesto da classe dos *mariscadores*, do publico em geral, e em especial de s. ex.ª o chefe do departamento maritimo do Sul, partiu em *demarche* para Lisboa, com o fim de auxiliado talvez por v. ex.as, obter despacho favoravel ás suas pretensões.

Lembrae-vos, ex.as, que se pratrocinardes tal pretensão, colhendo os pretendentes o resultado que desejam, atirareis para a miseria dezenas de familias e agravareis a já bem triste situação das classes pobres d'esta localidade e Olhão.

Todo o vosso esforço deverá ser em sentido contrario, para que se não dê a concessão pedida e terminem as existentes, marcando-se um limite de prazo rasoavel (quatro ou cinco mezes) para a apanha de marisco que estiver em deposito!

E com uma ação d'estas, vós tereis a bem dizer-vos centenas de familias que lutam com a miseria e o publico em geral.

D'este procedimento advirá melhoria para o municipio sem prejudicar a receita do Estado, que dos arrendamentos é insignificante.

Confiamos na justiça do vosso proceder!

Um grupo de mariscadores.»

—

Aos trabalhadores de Lisboa

«*Camaradas!*—Pela leitura do que anteriormente ficou dito, tereis avaliado da justiça que nos assiste a bem dos nossos interesses e dos interesses geraes dos proletarios!

Encarecidamente pedimos que ahi, junto dos poderes constituidos, reclameis justiça ao nosso protesto, que é um brado de alma aflita!...

Saude e emancipação.

Um grupo de mariscadores.»

Noticias Militares

Foi colocado na situação de adido, por lhe ser concedida licença ilimitada, o tenente medico sr. dr. Candido Emilio de Sousa.

—Em infantaria 4 foi colocado o alferes do regimento de infantaria n.º 12, sr. João Francisco Pascoa.

—Para diretor da carreira de tiro de Faro foi nomeado o capitão de infantaria 4, sr. Antonio Justino Ramos.

—O coronel de infantaria sr. Francisco Gabriel Augusto da Silva Mimoso, passado á reserva, por ter sido julgado incapaz do serviço ativo pela junta de inspeção, continua como chefe do distrito de recrutamento n.º 4.

J. SILVA NOBRE
MEDICO-CIRURGIÃO
Ex-interno dos hospitaes de Lisboa
Garganta, nariz e ouvidos — Doença. das senhoras — Tratamento da sifilis e das sezões rebeldes pelo 606 de Erlich.
Clinica Geral — Operações
CONSULTAS A'S 11 HORAS

Viagem de glob-trotters

Recebemos hoje a visita de dois simpaticos estrangeiros, Madame e M. Milen Raitchevitch, correspondente do diario servio *Vetchernie Novosti*, de Belgrado, que ha perto de ano e meio se comprometeram com o diretor d'este jornal a dar a volta ao mundo em motociclete. Foi-lhes concedido o espaço de tres anos para realisarem a sua viagem, cobrindo todas as suas despezas exclusivamente com o produto da venda de bilhetes-postaes, que trazem consigo ou que mandam imprimir no decurso da viagem.

Já percorreram toda a Europa, a Turquia asiatica, o Egito, a Tunisia, a Argelia e Marrocos.

De Faro, d'ondem partem hoje mesmo, dirigem-se a Lisboa, e de Lisboa voltam a Marrocos, para em seguida fazerem a travessia para a America.

Milen Raitchevitch sofreu no Egito um lamentavel desastre proveniente de uma queda da motociclete, do que lhe resultou a fratura da perna esquerda. Devido a este contratempo, teem que seguir o resto do percurso em automovel, comboio, ou quaesquer outros meios de transporte.

Estimamos aos jovens *sportmans* uma feliz viagem.

POR ESSE ALGARVE

Almancil

No comboio das 19 horas do dia 25 do corrente, partiu para Lisboa, afim de seguir viagem para Buenos Aires, o sr. Cristovam Guerreiro Marum, nosso estimavel amigo e assinante e prestimoso defensor do ideal republicano democratico.

Na estação do caminho de ferro de Loulé viu-se e prova-se com toda a evidencia quanto era estimado este nosso inolvidavel conterraneo; pois que, á hora em que a campainha dava o sinal de partida e o comboio fazia ferir os nossos ouvidos com um silvo estridulante, mais de cem pessoas, apinhadissimas na estação, lhe dirigiram um *adeus*, envolto numa *saudade funda*, e todos os seus rostos se achavam cobertos de verdadeira tristeza, com os olhos marejados de lagrimas, daquelas que saem do fundo da alma e daquelas que conflagram vertiginosamente as fibras do coração!

Não sei quem sofre de maior dôr: se os que partem se os que ficam.

O que é fato é que a dôr para ambos é cruciante e fatal.

Os soluços angustiosos redobravam-se e a despedida era desoladora, porque o comboio partia, evolando-se em espiral para a atamosfera, o fumo negro da locomotiva.

E', sem duvida, o quadro mais dolente e de maior confrangimento a despedida dum amigo a quem todos os seus compatricios consagram uma amizade inabalavel, pura, onde a sua bondade excessiva tem uma significação altruista que sobresae á vista de todos que o conhecem, porque ele tem dado em todo o tempo provas, fundamentadas com exaltado criterio, de que não tem inimigos.

Entre muitas pessoas cujos nomes não é possivel lembrar, vimos os cidadãos:

Manuel Cristovam de Sousa Vinhas, Antonio Joaquim Marum Junior, Francisco Antonio Marum, Francisco Cristovam de Sousa Junior, Francisco Xavier Leal Junior, Ventura Antonio Marum, José Xavier Leal, Cristovam Xavier Leal, Francisco Pedro Correia, Joaquim Pontes Faisca, Filipe Antonio Marum, José Antonio Marum, Manuel Antonio Pires Junior, José Vicente de Brito Junior, Filipe Viegas Junior, José Guerreiro da Angela, Francisco Ricardo Barbara, Joaquim Ricardo Barbora, Manuel Cristovam de Sousa, Manuel Cristovam de Sousa Correia e Cristovam de Sousa Pires.

Na ocasião em que o comboio partia deliberaram ir até á estação de Boliqueime acompanhar o nosso saudoso amigo, que tanto agradeceu, penhorada e reconhecidamente a tão amavel atenção que tiveram para com ele.

Assim, com um abraço cordial, todos se despediram finalmente dum bom filho de Almancil, transparecendo na fisionomia de todos os circunstantes a mais fremente comoção, ficando arreigado nos seus corações em quanto á sua sentida ausencia, uma saudade viva, ardente e indelevel.

Monchique

Os republicanos democraticos deste concelho esperavam que fosse nomeado governador civil deste distrito o nosso valioso correligionario sr. dr. João Pedro de Sousa, mas ao que nos consta, toma a chefia do distrito um ilustre caudilho da Republica, que saberá defender os verdadeiros dos falsos republicanos, por este motivo gostosamente apresentamos ao ilustre correligionario sr. dr. Adelino Furtado, as boas vindas.

— Pela autoridade administrativa foram mandados afixar editaes reprimindo o jogo; louvamos a atitude do ilustre ministro do Interior por uma tão acertada medida.

— Fez anos no dia 25, a menina Maria Paula P. Candido, estremecida filha do nosso dedicado amigo e correligionario Pereira Candido.

— Está entre nós o sr. dr. Antonio Duarte Lima Elias, administrador do concelho de Silves.

— Apóz doloroso sofrimento faleceu o sr. José Marques das Dores, rico proprietario neste concelho.

Pezames á familia.

— Certos meninos realistas daqui, continuam a abocanhar a Republica; não tenham juizo e queixem-se . muita cautela, pois, que a paciencia esgota-se.

Olhão

Ha dias, o imortal D. Cristino, o tal que aspira a santo, visto que não pode chegar a justo, passando em frente da casa de detenção onde em promiscuidade homens, mulheres e creanças expiavam o nefando crime de terem apanhado alguumas ameijoas na ria, olhou-os e teve o seguinte dito de espirito:

—Cá estão na gaiola os democraticos!

E' claro que toda a gente que teve a felicidade de escutar este dito espirituoso riu a bom rir, tanto mais que sendo os ditos de espirito um caracteristico das pessoas de aprimorada educação e não nos constando que D. Cristino a adquirisse nos tempos em que andava no *fisco*, estes são por isso deveras apreciaveis em tão divertida creatura.

Noticias de instrução

Pediu o seu provimento definitivo a professora da escola mixta de Quarteira, D. Francisca dos Anjos Cabrita de Almeida.

— Foi autorisado o novo contrato de arrendamento da casa e habitação da professora de Quarteira, e de S. Sebastião de Loulé.

— Trata-se de obter casa para a instalação da escola mixta de Almancil, e do sexo feminino de Alte.

— Averigua-se da conveniencia, para o ensino, de converter em mixta a escola do sexo masculino de Ameixial.

— Tomou posse da escola do sexo masculino da Fuzeta (segundo logar) o professor Bernardino do Nascimento Batista Lopes.

NOTICIARIO

Os srs. drs. João Batista Caleça e Justino de Bivar Weinholtz foram respetivamente classificados no concurso para notarios com 2 M B e 3 B e 1 M B e 4 B.

= Estão a concurso 30 vagas de praticantes nas estações dos caminhos de ferro do sul e sueste; os respetivos documentos devem ser apresentados até ao dia 12 de fevereiro.

= Vimos em Faro o sr. Joaquim José Ramires, nosso dedicado correligionario de Olhão.

—Foi a Lisboa o nosso amigo sr. Evaristo Penteado

= Esteve em Faro o sr. Eduardo Conceição Lopes.

= Regressou de Lisboa, com sua filha, a esposa do sr. Julio Bourgard.

= Veiu a Faro a esposa do sr. dr. José Antonio Vasco Mascarenhas.

= Deram-nos o prazer da sua estimada visita os nossos prestimosos correligionarios dr. João de Sousa Carvalho e Desiderio Rosa, de Castro Marim.

= Está em Faro o nosso amigo e correligionario sr. Joaquim Mascarenhas Pacheco.

= A direção do Ginasio Club resolveu receber mascaras amanhã quinta-feira. E' mais um dia a acrescer aos outros já indicados pela mesma direção.

CARTEIRA

Fazem anos:

Amanhã, 30—D. Maria do Carmo Santos, D. Luiza de Oliveira Viegas, D. Joana Augusta Magalhães, D. Eugenia da Silva Branco, Estevão Paulo Afonso, José Antonio Silva, Manuel Augusto Xavier e Pedro Evaristo Pereira.

Sexta, 31—D. Maria Clara da Silva Pontes Pereira, D. Maria do Castelo Liz Teixeira, D. Isabel Freire Tavares, D. Maria Augusta Guedes Ferreira, D. Manuela da Silva Gomes, dr. Henrique Cavaco, Eduardo Dias Ferreira, Antonio Joaquim Alves e o menino Augusto Bernardino da Silva.

Sabado, 1—D. Maria Francisca Belem, D. Maria Vitoria Aboim Ferreira, D Sebastiana Carolina de Sousa Vaz, D. Augusta da Silva Braz, dr. José Ribeiro Castanho, Manuel da Silveira Ramos, Antonio do Carmo Ferreira e João Carlos Leitão.

Doentes:

Está felizmente restabelecido o sr. dr. Diogo Marreiros Neto, distinto advogado nos auditorios da comarca de Loulé.

Necrologia:

Faleceu em Lisboa a sr.ª viscondessa de Bivar, viuva do falecido visconde do mesmo titulo, a quem a pitoresca vila de Portimão deve muitos beneficios. Sepultou-se no seu jazigo em Portimão.

—Faleceu em Portimão o sr. Antonio Xavier Teixeira, antigo chefe da delegação aduaneira daquela vila.

SAPATARIA DA MODA
DE
José Vicente dos Santos
Grandioso sortimento de calçado em todos os generos e qualidades, e demais artigos respeitantes á sua arte
Modelos chics de inexcedivel bom gosto. Suprema elegancia e barateza
Esmerada confeção e bom acabamento
Rua de Santo Antonio, 48, 48, A.
FARO

Editos de 45 dias

(1.ª *publicação*)

No juizo de Direito da comarca de Faro, cartorio do 3.º oficio e na execução processada nos termos do decreto de 29 de maio de 1907, em que é exequente Manoel Dias Sancho, casado, comerciante, residente nesta cidade e executado José Antonio Martins, solteiro, maior, empregado no comercio, auzente em parte incerta, correm editos de 45 dias a contar da publicação do ultimo anuncio, citando o dito José Antonio Martins para no prazo de 5 dias posterior ao dos editos pagar ao exequente a quantia de 87 105 reis, montante duma letra em que figura como assistente, ou no mesmo prazo nomear á penhora bens suficientes para completa solução da divida exequenda, sob pena de ser devolvido ao exequente o direito de nomeação, e seguir a execução seus termos.

Faro, 25 de janeiro de 1913.

O escrivão
José Joaquim Peres.

Verifiquei.

O Juiz de Direito
Dias Ferreira.

ALVIÇARAS
Dão-se a quem entregar em Faro a João Duarte Ferreira (João do Abrahão) uma manta, preta dum lado e encarnada do outro, com um leão, perdida pelo sr. Antonio Martins Caiado, na quarta feira, desde as Pontes até S. João da Venda.

Ao comercio
Vende-se um estabelecimento completo de fanqueiro da praça de Tavira.
Dirigir ao advogado João Calleça—TAVIRA.

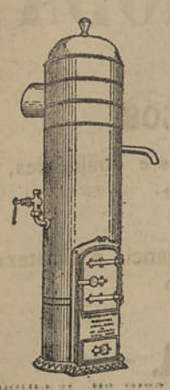
ANUNCIO
Vende-se egua, charrette, arreios, potes em folha para azeite e outros artigos.
Quem pretender dirija-se a Francisco José Marques.—TAVIRA.

AUTOMOVEL NOVO
Aluga-se. Trata-se com Armando Ignacio Pires.
Rua Primeiro de Dezembro 52—Faro.

ANUNCIO
Arrenda-se uma propriedade com regadio e sequeiro denominada a *Corte*, no sitio dos Juncaes, freguezia de S. Braz de Alportel. Para tratar, com José Mendes Pinto, de Santa Barbara de Nexe, sitio dos Gorjões.

Vinhas, vinhos e prados
A. VENANCIO PACHECO
Br. 600 reis.

LATOARIA PONTE

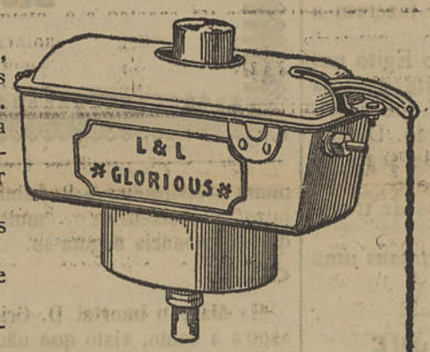


Sucessor de JOÃO F. X. da SILVA REIS

CASA FUNDADA EM 1889

R Conselheiro Bivar, 3 — Avenida da Republica, 2

FARO



Especialidade em esquentadores para banho, em cobre polido, sistema francez, o melhor, mais economico e perfeito que até hoje tem aparecido.

Manufatura de gazometros e candieiros para gaz acetilene, dos mais praticos e perfeitos. Encarrega-se da montagem dos mesmos em qualquer terra da provincia.

Especialidade em bombas de todas as qualidades as quaes se vendem pelos preços das fabricas.

Instalações completas para agua, em tubo de chumbo ou de ferro.

Especialidade em autoclismos inglezes em ferro fundido, sem valvula, de efeito seguro.

Especialidade em ferros de soldar a gazolina, sistema alemão, o melhor e de maior resistencia até hoje conhecido.

Torneiras de latão de todas as qualidades, folha de flandres, zinco, ferro zincado, tubos de chumbo, de latão e de ferro, em todas as grossuras, latão e cobre em folha. Estes artigos vendem-se a retalho ou em quantidade, a

PREÇOS SEM COMPETENCIA

A ROUPA QUE VESTE A HUMANIDADE FOI COSIDA COM A MACHINA SINGER

A SUPREMACIA DA

MACHINA SINGER

tem sido sustentada e augmentada durante quarenta annos e na actualidade passam de

DOIS MILHÕES DE MACHINAS SINGER

as que se fabricam e vendem annualmente

A ULTIMA CREAÇÃO EM MACHINAS PARA COSER É A

SINGER "66"

QUE REPRESENTA O RESULTADO DOS CONSTANTES ESFORÇOS EMPREGADOS DURANTE CINCOENTA ANNOS PARA MELHORAR AS MACHINAS PARA COSER, REUNINDO-LHES QUANTOS APERFEIÇOAMENTOS PODEM — SER DE UTILIDADE PRATICA —

MACHINAS SINGER PARA COSER

Estabelecimentos SINGER em todas as cidades do mundo

MACHINAS PARA COSER WHEELER & WILSON

RUA D. FRANCISCO GOMES, 33 FARO

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000:000$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo
Seguros maritimos
Seguros de cristais
Seguros contra roubos
Seguros postaes
Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Séde — Rua do Alecrim, 10 — LISBOA

AGENCIA EM TAVIRA

PHARMACIA CUNHA 181

HOTEL MARCELLINO & ALGARVIO

PROPRIETARIOS

JOSÉ MARCELLINO & TAXINHA

RUA DA PADARIA, 52 38 — LISBOA

Comida e cama a 800 e 1$000 rs. Camas a 200 e 300 rs

Biblioteca de Educação Nacional

AS MENTIRAS CONVENCIONAES DA NOSSA CIVILISAÇÃO

A PSICOLOGIA DAS MULTIDOES

O QUE É O SOCIALISMO -- O ANARQUISMO

LEIS PSICOLOGICAS DA EVOLUÇÃO DOS POVOS -- CRISTO NUNCA EXISTIU

AVULSO — cada volume brochado 200 rèis e encadernado 300 réis.

Tipografia Democratica

RUA 1.º DE DEZEMBRO -- FARO

IMPRESSÕES A CORES E OURO

N'esta casa, aberta recentemente, imprimem-se com a maior perfeição e brevidade, e por preços excessivamente baratos, todos os trabalhos tipograficos, taes como: faturas, memorandos, prospetos, bilhetes de visita, modelos de repartições, folhetos, rotulos de farmacia, etc., etc., etc.

IMPRESSÃO DE

LIVROS E JORNAES

N'este estabelecimento, que é sem duvida o melhor do Algarve, encontram se á venda varias qualidades de papel de carta, quer ordinario quer de luxo, papel de oficios, cartonado, almaço, etc., tambem por preços

SEM COMPETENCIA

VARIEDADES DE BILHETES DE VISITA

ESPECIALIDADE EM PAPEIS TIMBRADOS E PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

CONDIÇÕES DE ASSINATURA (Pagamento adeantado)

Portugal e Colonias (Um ano) Porto, 1$440 réis; Provincias, 1$500 réis avulso, 120 réis.

Brazil (moeda forte) (um ano) Pelo correio, 1$700 réis.

Para venda avulsa, o preço é fixado pelos nossos correspondentes

ARTE *Revista literaria e cientifica de que é Diretor* MARQUES ABREU

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua de S. Lazaro, 310 -- PORTO

SECÇÃO ESPECIAL DE VENDAS POR ATACADO

A PRASOS E A PRONTO PAGAMENTO

Expedição de qualquer encomenda com a maior brevidade

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LABORATORIO DE FARMACIA

BANDEIRA & RAMOS

DIRETORES PROPRIETARIOS — FARMACEUTICOS PELA ESCOLA DE LISBO

SUCESSORES DA ANTIGA FARMACIA PIRES

FUNDADA EM 1805

RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44

FARO

Fornecimento para Farmacias, Hospitaes e Laboratorios

Tisana de Zittmann, formula modificada do dr. Constantino Cumano

Unicos agentes depositarios no Algarve das

AGUAS DE VIDAGO: — (Vidago, Vidago n.º 2 e Sabroso)

AGUAS DE S. VICENTE (Entre-os-Rios), DA CURÍA E DE VERIM (Espido)

IMPORTAÇÃO DIRECTA

de artigos de Farmacia, Drogaria e Fotografia, das mais acreditadas casas rodutoras — Grande deposito de especialidades nacionaes e estrangeiras objectos de borracha, cautchouc, fundas, irrigadores, canulas e perfumarias

FABRICO ESCRUPULOSO DE EXTRATOS FLUIDOS

PREÇOS MODICOS

REMEDIO CONTRA LOMBRIGAS (Vermifugo Braga)

E' um remedio que se recomenda por si, e que com motivo justificado se pode chamar — **A saude das creanças.**

A SIFILIS É EVITAVEL

COM A POMADA HERMESIL

Preventivo contra as doenças venereas, ainda que empregado 5 horas depois do coito suspeito.

Aos revendedores e maiores compradores concedemos, quanto ás aguas, o mesmo desconto que dão os depositos de Lisboa, ficando a cargo do comprador o frete e o porte do caminho de ferro, que são, respectivamente, 80 réis 240 réis por cada caixa, desde Faro a qualquer estação até Villa Real de Santo Antonio ou Villa Nova de Portimão; despeza esta consideravelmente menor do que vindo as aguas directamente de Lisboa, pois n'este caso regula por 1060 réis.

Requisitando-as do nosso deposito, ha tambem a vantagem de se receberem quasi de um dia para o outro; e da não menos importante circunstancia da reducção da despeza resulta poderem-se vender ao publico, em qualquer ponto do Algarve, pelos preços de Lisboa.

F. S. SILVEIRA

ANTIGA CASA VIUVA SERZEDELO

Drogas e produtos quimicos, para farmacia e industria

IMPORTAÇÃO DIRETA

16 -- RUA DOS REMOLARES -- 18

LISBOA

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE **ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA**

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS

RUA DA MARINHA N.º 15 -- FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os colegios e liceus

---

Tinturia Lisbonense

ALBINO AUGUSTO

TINTUREIRO

Chegado ha pouco de Lisboa, onde durante 18 annos exerceu a sua profissão, tendo sido mestre de varias tinturarias d'aquella cidade, encarrega-se de tingir seda, lã e algodão em todasas côres; tingem-se capas de borracha pelo systema alemão, peles, roupas d'homem e vestidos de senhora sem que seja preciso desmanchal-os. Fazem-se lavagens especiaes em vestidos, fatos e luvas, assim como lavagens a seco em toda a especie de roupas.

Tinge-se tambem fazendas em peça e fio lava-se lã para colchões, executam-se, emfim todos os trabalhos de tinturaria com a maxima perfeição e rapidez. Todas as roupas, por mais usadas que sejam, ficam perfeitamete novas.

Examine-se a côr no ato da entrega e se dinstinguir, restitui-se a importancia. — Preto para luto em 48 horas

RUA CASTILHO, 58-A — FARO